

Página Inicial

Especial - Acordo Ortográfico

Agenda de Eventos

Artigos e Ensaios

Blog

Livros

Polêmica nas Letras

Reflexões sobre o ensino de língua(s)

Resenhas

Textos literários

Edições Anteriores



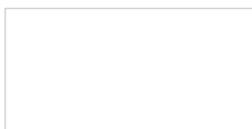
Veja também



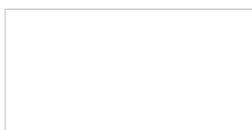
Biblioteca Digital Mundial



Ceditec



Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos

GÊNEROS DISCURSIVOS: UMA IMERSÃO NO TEXTO NA BUSCA PELO (SUB) VERSO/MERSONO

ANÁLISE DO LIVRO: A LÍNGUA DE EULÁLIA (MARCOS BAGNO)

Ana Lúcia Criado Suman^[1]

A necessidade vital de fazer-se a princípio, comunicar, é ferramenta indispensável e constitutiva ao ser humano nas relações sociais que virá (ex) inclui-lo no movimento que rege uma estrutura maior. É preciso, pois, retificar tal noção de ferramenta que comumente e inconscientemente é veiculada, reservando esta à linguagem, uma disposição concreta e fixa, tornando-a um objeto a par e dissociável do homem em suas propriedades.

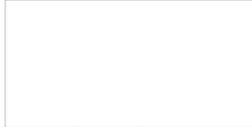
Considerando a esfera em nível extralingüístico, — não estabelecendo aqui uma condição hierárquica entre o nível da materialidade lingüística e a realização dos discursos — possibilitada esta pelo momento enunciativo que vem a reclamar uma história, um tempo e um espaço, e, a partir disso sugerir/velar/inferir um posicionamento sócio-histórico do discurso, agenciado por um 'eu' que, ao invés de individualizar-se, projeta uma formação discursiva de enunciadores — orientados por um pensamento ideológico que os de certa forma categorizam, de acordo com as condições de produção de seus discursos —, torna-se possível conceber a atividade de linguagem não só como a utilização da palavra com a finalidade una de fazer-se ouvir, mas de, por meio desse mesmo ato indissociável entre a mesma e o homem, revelar o que está no nível do não-dito, o que está em condição eminente por uma ausência aparente, aos efeitos de sentido que subjazem toda e qualquer prática discursiva.

Assim, atendo-se ao projeto discursivo inerente a todo enunciado que vem a apresentar a especificidade de uma esfera de comunicação, tem-se o conceito de Gênero do Discurso, abrangendo este os recursos destinados à efetivação da expressão desejada pela voz que se enuncia, nos mais diversos contextos de enunciação.

Munindo-se da valiosa perspectiva teórica bakhtiniana que, concebendo a linguagem caracterizada pela presença desses gêneros mobilizadores das diversas instâncias enunciativas, — referindo-se a eles de forma plural, como unidades abertas de cultura, porém com uma relativa estabilidade nos enunciados que os constituem, de maneira que não são acabados em si na estrutura, mas diversos nos meio de promover as formas de ver e pensar o mundo e suas relações —, é que se fazem relevantes tais noções sobre gêneros de discurso para orientar as análises de acordo com a esfera circundante a sua constituição: atividade de linguagem, determinações sócio-históricas e o próprio acontecimento enunciativo, propiciando por sua vez um rol de leituras possíveis.

Bakhtin irá caracterizar os gêneros associados à produção de discursos como: primários (interações da vida cotidiana como um processo combinatório inacabado, representando o mundo de modo simples como em uma comunicação verbal espontânea, posteriormente transmutada no processo de absorção dos mesmos pelos gêneros secundários) e secundários (complexos quanto à elaboração verbal, previamente estabilizado no que diz respeito à sua construção estética (forma) compreendendo a escrita artística — literária —, científica, sociopolítica, filosófica, tanto quanto os discursos que sustentam posições ideológicas das mais diversas.

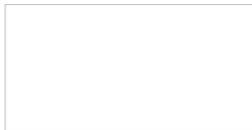
Assim, tomando-se o 'todo' de um enunciado, irá se estabelecer três elementos fundamentais para determinar em que esfera de utilização específica na língua o mesmo



Domínio Público



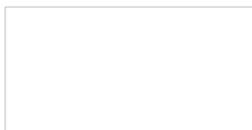
GEScom



GETerm



iLteC



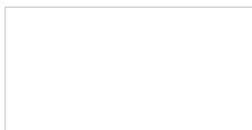
Institut Ferdinand de Saussure



Portal de Periódicos Capes



Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!



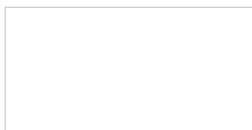
Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL



Universia

enunciado se coloca para que se possa denominar em que gênero do discurso ele pertence: conteúdo temático, construção composicional e o estilo.

Mediante as inúmeras produções discursivas que perpassam todas as situações de comunicação ligadas à atividade humana, e relacionando-se a isso a variabilidade também dos gêneros, constata-se uma heterogeneidade dos mesmos tanto no âmbito da produção oral como na escrita, direcionando por sua vez essa 'relativa' classificação — relativa aqui se deve compreender no sentido de que os gêneros podem se imbricarem, ou seja, proporem um diálogo na direção de construção de um 'todo' significativo de um mesmo discurso, sem obrigatoriamente oporem-se devido à fatores de composição distintos — de acordo com os elementos que o fundamentam, acima colocados, a se ater, principalmente no(s) efeito(s) de sentido(s) e ideologia(s) propagado(s) pelo conteúdo apresentado.

Dentro do vasto universo de produção discursiva — visando de modo específico o da escrita — ininterruptamente em construção/produção, a presente análise tem como objetivo tratar das questões referidas sobre os gêneros discursivos, pautando-se nos elementos fundamentais que os constituem, assim como tornar visível o que se 'esconde' na materialidade lingüística por meio do que vem a se subverter no gênero que inicialmente supõe-se estabilizado e definido.

Para isso, o livro: **A Língua de Eulália: novela sociolingüística** de autoria do lingüista, tradutor, professor da UNB e escritor Marcos Bagno foi o material de análise escolhido em sua totalidade constitutiva, sem a seleção de recortes para o desenvolvimento de uma análise peculiar, tendo por finalidade um pequeno esboço do que vem a ser as subversões de um gênero a outro, ou preferencialmente, no caso a ser considerado, a coexistência dos mesmos em um mesmo suporte (livro).

No intuito de situar a abordagem feita pela obra, assim como estabelecer paralelos com a perspectiva teórica desenvolvida por Bakhtin sobre os gêneros, será utilizada uma entrevista feita com o autor para o Jornal do Commercio, em 29 de outubro de 1998 no Recife, sobre a publicação do livro em 1997.

Ao ser indagado do que se trata a obra, Bagno refere-se a ela como

"um livro sobre alguns problemas de ensino da língua portuguesa, e principalmente um livro sobre o preconceito lingüístico que impera na nossa sociedade contra as pessoas que falam uma língua diferente da ensinada nas escolas. Para tornar a leitura mais agradável e fácil para não-especialistas, decidi abordar esses temas na forma de uma narrativa romanceada, com peripécias de enredo e personagens dinâmicos, que falam muito o tempo todo".

Em seguida, é interpelado sobre o subtítulo do livro 'novela sociolingüística', dizendo tratar-se de uma "(...) *novela porque conta uma história, e sociolingüística porque trata de questões que têm a ver com a relação entre a língua que a gente fala e a organização da sociedade em que a gente vive.*"

O que se pretende tratar com esses excertos da referida entrevista é como se constitui primeiramente a construção composicional do livro na medida em que, como já colocado, irá tratar de questões lingüísticas e sociolingüísticas envolvendo a língua portuguesa, ou seja, irá movimentar teorias que embasam todo o propósito do tema que o livro desenvolve: uma provocação no intuito de despertar discussões sobre o que é "falar certo e falar errado".

Como o próprio autor coloca o desejo de proporcionar uma '*leitura mais agradável*', ele vem a realizar uma produção que subverte o gênero do livro a que faria parte em sua essência, ou seja, a uma estrutura que veicularia um sujeito na produção de um discurso científico, o que implicaria em uma linguagem mais complexa — considerando este aspecto na questão do estilo — referente a artigos acadêmicos, teses, apresentando assim um assunto que não admitira uma leitura passível de um entendimento a todos os leitores que se dispusessem a tal intento, uma vez que nem todos dominam a variedade do português empregada no gênero que se descreve.

Nota-se assim tal subversão na alternativa convencionalizada pelo autor de, através do gênero narrativo — provendo-se de personagens, enredo e ao dinamismo inerente ao próprio gênero, no que tange à cronologia dos fatos narrados — transmitir um conhecimento que implicaria, a priori, uma base de saberes lingüísticos, de forma clara, valendo-se dos artifícios metalingüísticos e principalmente narrativos que envolvem o leitor num encadeamento de fatos pela movimentação dos personagens, como o ressaltado "*e personagens dinâmicos, que falam muito o tempo todo*", atingindo, pois o propósito real do livro: o de conduzir ao leitor a teoria e os fenômenos que constituem o movimento da língua de modo simples e de perceptível compreensão.

Há, contudo, por meio de um olhar mais cuidadoso por toda a estruturação do livro, alguns pontos que remetem ao discurso exclusivamente científico no que tange aos estudos e pesquisas realizadas na área, sendo nesses trechos interrompidos momentaneamente as peripécias que compõem a narrativa, o que se leva a pensar na coexistência — mesmo com a visível e predominante estrutura de uma narrativa — tanto no

discurso em caráter narrativo (literário) como no científico (exemplificação dos fenômenos através de uma análise diacrônica da língua).

Outro elemento saliente quanto à identificação dos gêneros no material em análise é o estilo verbal utilizado, ou seja, os recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, constituintes do modo de expressar as questões a serem trabalhadas ao longo de todo o livro.

Como visto em um dos trechos da entrevista, Bagno explicita a sua preocupação diante do público-alvo a ter acesso à sua obra “(...) *para tornar a leitura mais agradável e fácil para não-especialistas*”, o que leva à seleção de termos mais acessíveis e adequados que venham receber uma aceitabilidade maior por parte dos leitores não acostumados com termos técnicos e/ou científicos normalmente utilizados em gêneros discursivos específicos para tratar dos fenômenos relativos à linguagem.

Assim, através de um estilo verbal adequadamente vinculado ao propósito do autor em articular a aceitabilidade e a compreensão de todo o fenômeno da língua portuguesa — desde o surgimento, passando pelas evoluções e pelo status constante de mudanças — torna-se possível atingir um público não familiarizado com o tecnicismo das teorias inerentes à língua, isso, contudo, com a subversão do estilo que seria apresentado por um discurso eminentemente científico e/ou acadêmico.

Em um terceiro momento, faz-se de extrema importância discorrer sobre o elemento chave do gênero discursivo em foco: o conteúdo temático por ele manifestado. Voltando à construção composicional em forma de narrativa admitida pelo livro, pressupõe-se um conteúdo habitualmente atribuído a tal gênero, trilhando por sua vez o percurso já esperado quanto à sua movimentação discursiva — personagens, enredo, relações, conflitos, clímax, resolução do impasse (problema) e inclinação maior para um final feliz —.

Buscando-se, porém, pelo subvertido no que se concebe como relativamente estabilizado em um gênero, podendo-se, pois, como se vê, não evidenciar necessariamente tal estabilização dos gêneros em sua completude, depreende-se do livro uma mudança de tema do qual seria essencialmente a uma narrativa, para tratar das questões relacionadas à sociolinguística.

Preconceitos quanto às variedades de língua escrita e falada desprestigiadas socialmente, relações de poder imbricadas na própria linguagem, a visualização da estratificação das classes pela divergência entre o uso padrão e o não padrão, o mito de unicidade da língua, desconsiderando tudo que não é ditado de acordo com a imperdoável gramática tradicional, responsável pela cristalização de um padrão ideal, porém não usual de língua, enfim, explicações para todos os fenômenos listados e encarados como ‘erro’ na atualidade por meio do pensamento científico envolvendo não só a lingüística, mas também a história, a sociologia e até mesmo a psicologia como fundamentação teórica, são adequadamente inseridos num enredo ficcionalmente forjado no intento de apresentá-los de uma forma diferente do que é tradicionalmente produzido na área.

Ao tentar circunscrever o conteúdo temático de um gênero, torna-se quase impossível não considerar o conteúdo de cunho ideológico ligado aos discursos nele inseridos. À medida que a narrativa vai se desenvolvendo no livro, toma-se, mesmo que veladamente em muitos momentos — devido à disparidade inerente ao sujeito — o posicionamento de um sujeito que enuncia a partir de uma formação discursiva composta pelos dizeres sustentados por sujeitos-Linguistas em oposição e ao mesmo tempo em litígio constante com os sujeitos-Gramáticos.

Uma vez que o livro surge na tentativa de desmitificar uma tradição educacional que insiste na negação de uma pluralidade dentro do universo da língua portuguesa, não aceitando que a norma padrão seja uma das muitas e sim a única variedade possível no uso do português, instaura-se de modo incisivo a crítica sobre o padrão preponderante sustentado pela Gramática, atingindo assim seus mais fiéis seguidores.

Outro dado importante para corroborar com os ideais combatidos e reflexões realizadas sobre a língua portuguesa discursivizados no livro é dar atenção à formação (ideológica, por conseguinte) do autor do livro. Qualificando-se como lingüista, não seria de outro modo que determinadas perspectivas ideológicas transitarium de forma a não contribuiriam decisivamente na orientação de seus discursos, definindo por sua vez o posicionamento a que se atém a obra.

Exercendo assim de maneira geral, diante de um texto — independentemente a qual gênero venha intuitivamente a se classificar — uma leitura não tão descomprometida no sentido de apenas pôr em prática tal ato, implica de modo positivo em multiplicar os olhares possíveis sobre uma materialidade que, em nível de discurso, diz além do que se ‘superficializa’ num primeiro contato.

A atenção requerida acima recorre a uma posição de leitor em constante presunção diante da disposição de um gênero discursivo, podendo, sem receios, ir adiante

ao projeto de, por meio do que se subverte, captar os sentidos que não se materializam no âmbito lingüístico, mas sim no acontecimento enunciativo que habilita a emersão dos dizeres, desempenhando não só a habilidade de leitura em sua finalidade básica, mas também refletindo a sua prática no atravessamento e interferência de fatores diversos e constitutivos ao espaço enunciativo-discursivo.

Referências Bibliográficas:

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolingüística*, São Paulo: Contexto, 1997.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SARGENTINI, V. M. O. Gênero discursivo e leitura: a constituição dos gêneros. In. Boletim da ABRALIM, v. 26 – N° Especial – I, 2001.

web: http://www.marcosbagnoc.com.br/conteudo/arquivos/deu_jornal_do_comercio.htm

AUTOR DISCUTE O CERTO E O ERRADO DA LÍNGUA FALADA - Jornal do Commercio, Recife, 29 de outubro de 1998. Entrevista feita com o autor Marcos Bagno.

Recebido em 21 de outubro de 2009

Aceito em 27 de novembro de 2009

¹¹ Licenciatura Plena em Letras – Inglês, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Letras, UFSCar.

e-mail: liqiaspanic@yahoo.com.br

Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site (www.lettras.ufscar.br/linguasagem).

Siga a @linguasagem no Twitter

o que é isso?